

Trabalho preparado para apresentação no X Seminário Discente da Pós-Graduação em  
Ciência Política da USP, de 09 a 13 de novembro de 2020

Working Paper

**O dilema entre democracia e ordem em sociedades divididas:  
Conflitos separatistas, ameaça social e preferências autoritárias  
no Espaço Pós-Soviético**

Vicente G. Ferraro Jr.  
Doutorando, DCP-USP

**Observação:** por se tratar de um *working paper*, os dados, estatísticas, referências e informações apresentadas neste trabalho são preliminares e estão em fase de revisão e complementação. Para citações, favor entrar em contato com o autor. Após a conclusão do trabalho, os códigos e bancos utilizados ficarão públicos. Agradecemos os comentários dos professores Pablo Ortellado e Paolo Ricci durante o Seminário Discente do DCP-USP, bem como a orientação da professora Marta Arretche (na fase inicial da pesquisa de doutorado) e do professor Jonathan Phillips.

## Introdução

Diversidade étnica é um impedimento à democracia? Há muito tempo essa pergunta permeia o debate acadêmico, político e até mesmo jornalístico. Diversos autores clássicos da teoria da democracia mencionaram a heterogeneidade étnica como um obstáculo à democratização, realçando que as dificuldades de diálogo e consenso entre grupos limitam as perspectivas para o desenvolvimento de instituições liberais representativas e a competição política (Mill 2010 [1861]; Easton 1965; Dahl 1971).

Estudos empíricos, contudo, mostraram que a diversidade em si não representa um impedimento (Fish & Brooks 2004), mas sim a politização da etnicidade e, em particular, a ocorrência de conflitos (Merkel & Weiffen 2012). A politização é excepcionalmente problemática à construção de instituições democráticas quando ocasiona o chamado problema de “*stateness*”, ou seja, coloca em risco a integridade territorial do estado, o seu monopólio do uso da força e levanta dúvidas sobre quais grupos devem ser contemplados com o direito à cidadania (Linz & Stepan 1996). O grande paradoxo das “sociedades divididas” está no fato de, em diversos casos, a politização de divisões étnicas e a erupção de conflitos que ameaçam o *stateness* se darem exatamente quando regimes autoritários passam por uma transição democrática – a introdução de eleições eleva os riscos de divisões étnicas serem transformadas em clivagens políticas (Rabushka e Shepsle 1972; Snyder 2000; Cederman, Gleditsch & Hug 2013).

O presente trabalho visa contribuir para a discussão entre diversidade e democratização abordando o efeito de conflitos no comportamento político, buscando responder a seguinte pergunta: como conflitos étnicos e separatistas impactam preferências de regime na população e afetam estratégias de elite?

Argumentamos que conflitos domésticos contra *out-groups* (minorias étnicas) rebeldes elevam preferências autoritárias da população, principalmente para membros de *in-groups* (maiorias) – basicamente o entendimento de que a democracia está relacionada a instabilidades e constitui um entrave à garantia da ordem. A relação é mediada e condicionada pelo medo: conflitos separatistas aumentam a percepção de que *out-groups* representam uma ameaça. Quanto maior a percepção de ameaça, maior é a preferência por um regime autoritário capaz de desmobilizar e controlar *out-groups*, oferecendo soluções rápidas para superar o problema de *stateness*. Por sua vez, elites políticas aproveitam momentos de medo e alta demanda autoritária para promover e legitimar

mudanças institucionais centralizadoras e autoritárias, que afetam não apenas as relações do Estado com *out-groups* mas principalmente com *in-groups*. Preferências de regime, portanto, são dependentes do contexto e de concepções acerca de *trade-offs* envolvidos nas escolhas institucionais.

A fim de testar a teoria proposta, a tese abordará casos de ex-repúblicas soviéticas que passaram por conflito etnosessionista após o fim da URSS. Analisar a transição nesses países será de grande valia para entender a formação de preferências de regime, uma vez que os conflitos e, no geral, a ocorrência de profundas transformações políticas, econômicas e identitárias potencializaram percepções de *trade-offs* associados ao regime democrático. Na presente subdivisão da tese examinaremos apenas o caso da Rússia.

### **1. Discussão do problema: conflitos e democratização em sociedades divididas**

A relação entre conflitos, comportamento político e instituições estatais é uma das questões mais intrigantes da Ciência Política desde os seus primórdios, tanto no âmbito teórico quanto empírico. Thomas Hobbes já preconizava que a própria origem e legitimidade do Estado tinham como alicerce a necessidade de superar conflitos e garantir ordem e estabilidade às relações humanas – tal processo implicaria em sacrificar parte das liberdades individuais do estado de natureza em benefício de um estado civil concentrador de poder, capaz de limitar o ímpeto instintivo dos indivíduos à violência.

Após a Segunda Guerra e o avanço do processo de descolonização, os novos estados independentes se viram pressionados por dois grandes desafios: garantir a ordem e o monopólio do uso legítimo da violência em seus territórios – atributos de “*stateness*” – e formar instituições inclusivas e democráticas. Contudo, a lógica por trás desses desafios parece estar associada a uma complexa rede de *trade-offs*. Estudos empíricos apontaram o *stateness* como uma condição necessária, embora não suficiente, para alcançar diferentes atributos da democracia (Møller & Skaaning 2011). A consolidação de um Estado, principalmente em um cenário conflituoso, demanda uma expansão do seu poder coercitivo, ao passo que a democratização demanda uma restrição do uso desse poder (Fukuyama 2005). Diversos estados, principalmente autoritários, recorrem a políticas repressivas e de homogeneização sob o pretexto de garantir a estabilidade das relações interétnicas e a “união” da nação. Períodos de democratização em sistemas

políticos fracamente institucionalizados podem levar à politização da etnicidade por determinados grupos – sobretudo elites ameaçadas – e resultar em conflitos violentos (Snyder 2008).

Outra parte da literatura examinou a relação entre conflitos e comportamento político no nível individual. Observou-se que confrontos externos diversionistas podem contribuir para alavancar a popularidade do incumbente, sobretudo em períodos de crise econômica e eleições. O chamado efeito "*rally 'round the flag*", o qual preconiza uma união da nação frente a um inimigo ou adversário externo (Mueller 1973), foi observado em vários momentos de conflito externo nos EUA. O poder de coesão, contudo, não se limita a conflitos geopolíticos: desde os anos 1990 alguns autores buscaram analisar o impacto de conflitos domésticos na sustentação de regimes, particularmente a mobilização de majorias contra minorias étnicas – o caso emblemático foi a desintegração da Iugoslávia, na qual as elites políticas sérvias, ameaçadas pela transição e por problemas econômicos, recorreram ao discurso da polarização étnica para se manter no poder (Gagnon 1994). Evidências recentes mostram que lideranças populistas lançam mão de conflitos baseados em uma polarização contra minorias internas almejando dividendos eleitorais semelhantes aos do "*rally 'round the flag*" – a deterioração nas negociações de paz do governo turco com separatistas curdos (Machain & Rosenberg 2016) e mesmo a retórica de Donald Trump contra movimentos raciais são percebidas como estratégias diversionistas voltadas à polarização entre *in-groups* e *out-groups* (Klein, Machain & Tokdemir 2020). Em síntese, polarização e conflitos de baixa escala podem trazer incentivos e ganhos políticos a determinados atores – não raramente são incorporados ao leque de estratégias disponíveis à sustentação de incumbentes no poder.

No presente trabalho argumentamos que conflitos domésticos afetam não apenas o apoio ao incumbente, mas também as preferências de regime condicionadas à percepção de minorias como ameaça. A relação entre medo e atitudes autoritárias há décadas vem sendo examinada no campo da psicologia política (ex. Fromm 1941; Wilson 1973). Estudos mostraram uma associação entre percepção de ameaças e predisposições autoritárias (Feldman & Stenner 1997; Onraet et al. 2013). Há evidências de que a relação seja condicionada pela visão de mundo – ameaças e alterações na realidade aumentam a percepção de mundo como perigoso, que por sua vez elevam atitudes autoritárias (Duckitt & Fisher 2003). Quando percebem ameaça, indivíduos tendem a apoiar um líder forte,

unindo-se contra *outsiders* tidos como ‘perigosos’, o chamado “reflexo autoritário”: o “*autoritarismo é, por definição, a rejeição de out-groups que são percebidos como ameaças aos in-groups*” (Norris & Inglehart 2019, p. 176). Cabe ressaltar que não são as ameaças “pessoais” – ou seja, percepções de risco direto ao indivíduo – que são mais correlacionadas a atitudes autoritárias, mas sim as “sociais” (“societais” ou “sociotrópicas”) – percepções de risco ao grupo com o qual o indivíduo se identifica como membro (Duckitt & Fisher 2003; Davis & Silver 2004).

A análise do comportamento político é indissociável do contexto social. Quando se deparam com uma ameaça sociotrópica, indivíduos tendem a elevar preferências por ordem e segurança em detrimento de preferências por liberdades civis – esse *trade-off* é ainda mais forte para aqueles que mais confiam no governo (Davis & Silver 2004). O ordenamento de preferências é frequentemente associado à tradicional – embora muito contestada – hierarquia de necessidades de Maslow (1954), em que valores materialistas, como a busca por segurança, são primordiais – apenas com a satisfação de necessidades materiais é que indivíduos passariam a apresentar valores pós-materialistas<sup>1</sup>. Tal centralidade da busca por segurança também remete à teoria hobbesiana e ao papel instrumental do Estado na inibição de conflitos e garantia da ordem.

Embora haja cada vez mais consenso de que ameaças sociais estejam relacionadas a atitudes autoritárias, ainda é necessário esclarecer quais tipos de ameaça são mais sensíveis (Norris & Inglehart 2019, p. 445), qual a duração de seu efeito (Davis & Silver 2004, p. 44) e superar riscos de endogeneidade, compreendendo se indivíduos se tornam autoritários por perceberem ameaças ou percebem ameaças por serem autoritários. O presente trabalho visa contribuir à resolução dessas questões focando não as “atitudes” autoritárias em geral, mas em específico as preferências por regimes autoritários<sup>2</sup>.

## 2. O caso da Rússia

Da série de transições “triplas” – ou seja, política, econômica e identitária (Offe 1991) – desencadeadas com o fim da URSS, a da Rússia esteve certamente entre as mais

---

<sup>1</sup> Abramson e Inglehart (1995) sustentam que o aumento de prosperidade e segurança em sociedades industriais esteve associado à difusão de valores pós-materialistas.

<sup>2</sup> Um dos poucos trabalhos que abordaram especificamente preferências de regime foi o de Russo, Roccato e Mosso (2019).

complexas e dolorosas. A constituição de 1993 foi promulgada logo após intensas disputas entre o executivo e o legislativo, que culminaram na dissolução violenta do parlamento. As turbulências econômicas, associadas a abruptas reformas de privatização<sup>3</sup>, cercearam ainda mais a capacidade estatal administrativa, dando espaço para que máfias, grupos econômicos e elites regionais ocupassem parte do vácuo deixado pelo Estado. Ao presidente, dotado de fortes poderes institucionais, foi relegado o papel de promover as transições em meio a um parlamento opositor – situação pouco comum em outros estados pós-socialistas (Makarenko et al. 2008).

Todos esses fatores de alguma maneira deixaram cicatrizes nas atitudes e preferências políticas ao longo da socialização no novo regime. Somados a eles, o problema de *stateness*, objeto deste trabalho, trouxe profundas implicações à transição. Em um processo de *path-dependence* institucional, a Rússia herdou um sistema etnofederalista construído no período soviético e uma concepção étnica de nacionalidade, idealizada por bolcheviques antes mesmo da Revolução Russa<sup>4</sup>. Diferentemente do tradicional modelo de “estado-nação”, difundido a partir da Revolução Francesa, a Federação Russa é hoje um “estado multinacional”, congregando cerca de 190 nacionalidades e mais de 20 repúblicas autônomas<sup>5</sup>, em algumas das quais minorias étnicas constituem maiorias regionais<sup>6</sup>. A onda de separatismos que culminou no fim da URSS também alcançou algumas dessas repúblicas: no início dos anos 1990, várias passaram a reivindicar maior autonomia ou até mesmo a secessão. O caso mais marcante foi o da Chechênia que, após uma série de negociações fracassadas, resultou em um conflito armado no fim de 1994.

Dadas as limitações da capacidade estatal russa naquele período em resolver o conflito e o temor de que conflitos federativos se difundissem, várias repúblicas e regiões lograram barganhar tratados bilaterais com Moscou, garantindo-lhes maior autonomia em

---

<sup>3</sup> A chamada “terapia de choque”.

<sup>4</sup> Joseph Stalin e Vladimir Lenin já haviam escrito sobre a questão nacional na Rússia antes da Revolução de 1917. De 1917 a 1923, Stalin exerceu o cargo de Comissário do Povo para Assuntos das Nacionalidades.

<sup>5</sup> *Natsionalnyj i etnicheskiy sostav Rossiy*. Rosinfostat. URL: <https://rosinfostat.ru/natsionalnyj-sostav/> Último acesso em 27.10.2020.

<sup>6</sup> Etnonacionalidades “titulares”.

relação a outras unidades federativas e mesmo prerrogativas inconstitucionais<sup>7</sup> – por esse motivo, o país consolidou-se como um caso de “federalismo assimétrico” (Stepan 2000)<sup>8</sup>.

Em agosto de 1996, após quase dois anos de batalhas, o governo federal assinou os chamados acordos de Khasavyurt, o que na prática tornou a Chechênia quase independente – seu status deveria ser revisto após cinco anos. Ao longo da década de 1990 políticos, jornalistas e acadêmicos discutiram o risco que a crise chechena representava à existência do estado russo e argumentaram que o sucesso de separatistas poderia criar incentivos para outras repúblicas etnonacionais recorrerem à secessão e levar à dissolução do país (Malashenko & Trenin 2002)<sup>9</sup>. Em uma pesquisa realizada em 2000, quase metade dos entrevistados concordou que a guerra da Chechênia era uma luta para evitar a desintegração da Rússia<sup>10</sup>.

Nos anos seguintes aos acordos de Khasavyurt, fragmentação e disputas entre clãs trouxeram ainda mais instabilidade à Chechênia. Parte dos guerrilheiros aderiu ao fundamentalismo islâmico, buscando não apenas a independência da república, mas também a fundação de um emirado que incorporasse outras regiões do Cáucaso. Os rebeldes contavam com o apoio de fundamentalistas do Oriente Médio, sobretudo sauditas, o que agregou um componente internacional ao conflito doméstico – a crise separatista passou a ser vista como uma ameaça interna e externa simultaneamente (Malashenko & Trenin 2002). Em agosto de 1999, guerrilheiros invadiram a região vizinha do Daguestão – poucos dias depois, o diretor do Serviço Federal de Segurança (FSB), Vladimir Putin, foi nomeado primeiro ministro, o principal cargo do executivo abaixo do presidente. Com a ajuda da população local, tropas federais lograram expulsar os guerrilheiros. No mês seguinte, atentados a edifícios residenciais em diferentes cidades deixaram centenas de vítimas civis fatais<sup>11</sup>. Em 24 de setembro, o governo federal deu início à segunda guerra da Chechênia. Há evidências de que o efeito "*rally 'round the flag*" no conflito checheno foi um importante fator que alavancou a popularidade de Putin

---

<sup>7</sup> Até 1996, 46 unidades federativas, inclusive regiões não russas, haviam assinado tratados bilaterais com o governo federal (Ross 2003, p.41).

<sup>8</sup> Ao longo dos anos 1990 foi comum a adoção de leis regionais que divergiam de leis federais e da própria constituição, ocasionando a chamada “guerra das leis” (Ross 2003).

<sup>9</sup> Malashenko e Trenin (2002) concordam que a questão chechena incorria em altos custos para o estado russo, mas discordam de que a mesma poderia levar à dissolução do estado em si.

<sup>10</sup> Bashkirova, E. I. (2000, p.90 apud Malashenko & Trenin 2002, p.49).

<sup>11</sup> Dissidentes do regime e ex-agentes do FSB acusaram a organização de estar por trás dos atentados de 1999, no intuito de alavancar a popularidade do governo e o apoio a uma nova empreitada militar.

no curto prazo (Treisman 2011). O Kremlin instrumentalizou o conflito tanto nas eleições presidenciais de 1996 – por exemplo, com a visita de Yeltsin à região e as negociações de paz – quanto nas eleições parlamentares de 1999 e presidenciais de 2000 – como recurso de promoção da coesão nacional (Malashenko & Trenin 2002).

Vladimir Putin assumiu a presidência provisoriamente com a renúncia de Yeltsin na virada de 1999 para 2000. Em 26 de março de 2000 foi eleito presidente em primeiro turno<sup>12</sup>. No fim de abril, após meses de intensos combates, declarou-se o fim da fase intensa do conflito, pela primeira vez com a vitória das tropas federais. Contudo, apesar desse marco oficial, na prática os anos seguintes viram diversas campanhas militares e ataques terroristas, como é possível observar no gráfico abaixo. Somente em abril de 2009 a guerra foi oficialmente encerrada e na década de 2010 grupos rebeldes promoveram atentados no Cáucaso e em grandes cidades<sup>13</sup>.

### Gráfico 1. Conflitos na Rússia, total de óbitos por ano<sup>14</sup>

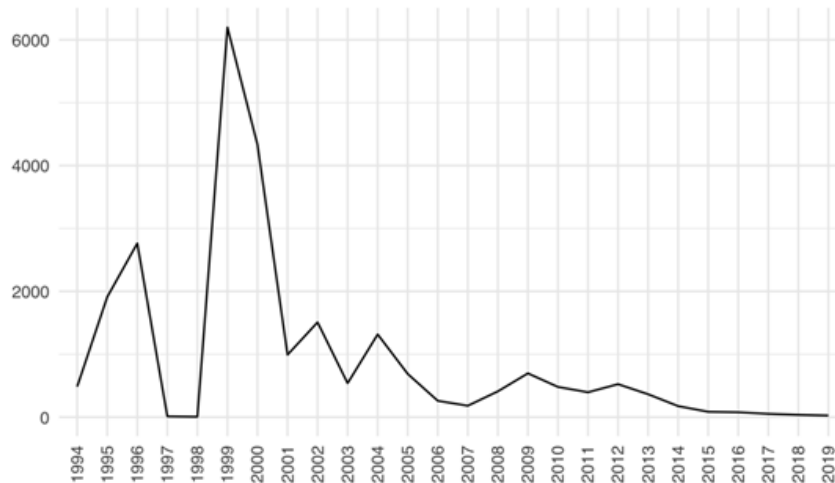
---

<sup>12</sup> Um dos primeiros passos de Putin ao chegar ao poder foi reorganizar as relações federativas, erradicando leis inconstitucionais, gradualmente extinguindo os tratados bilaterais e instituindo um sistema centralizado com poucos pesos e contrapesos ao poder do executivo. Uma estratégia que o governo federal adotou para retomar o controle da Chechênia de maneira efetiva foi se aliar a determinados ex-combatentes, entre eles Akhmad Kadyrov, que passou a exercer o cargo de presidente da república; ademais, enormes recursos federais foram destinados à reconstrução da região. Em 2004, Kadyrov foi morto em um atentado na capital Grozny. Desde 2007, seu filho, Ramzan Kadyrov, administra a região, sendo um dos políticos regionais mais populares e polêmicos da Federação Russa.

<sup>13</sup> À parte da questão de *stateness*, o conflito checheno esteve associado a outros problemas sociais, como xenofobia, islamofobia e tensões interétnicas (Malashenko & Trenin 2002). No período soviético, com a propagação de uma ideologia oficial ateísta, clivagens religiosas e identitárias tinham pouca saliência político-social. O colapso do regime, com o conseqüente fim do controle autoritário sobre instituições religiosas, contribuiu para um resgate de valores religiosos e etnonacionalistas, muitas vezes interligados – tanto por parte de russos quanto de minorias (Malashenko & Trenin 2002). Tensões culturais e inter-religiosas, assim como a hostilidade a migrantes do Cáucaso e imigrantes de ex-repúblicas soviéticas, ganharam força – em diversas ocasiões, brigas domésticas e até mesmo entre torcidas de futebol culminaram em pogroms e conflitos étnicos localizados. Nacionalistas russos muitas vezes reivindicam controles migratórios mais rígidos e questionam as volumosas transferências federais às repúblicas do Cáucaso, uma das regiões mais pobres do país – lemas como “basta de alimentar o Cáucaso” e a “Rússia para os russos étnicos” estão entre os mais entoados por esse segmento.

<sup>14</sup> Os dados coletados dizem respeito a conflitos de base etnoseparatista e/ou religiosa (incluindo atentados terroristas) envolvendo o governo e grupos como a República Chechena da Ichkeria (até 2007), o movimento Wahabita do distrito de Buynaksk (Daguestão, 1999), Forças do Emirado do Cáucaso (a partir de 2007), Estado Islâmico (a partir de 2015) e civis na região do Cáucaso Norte – codificações mencionadas diretamente no UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1.



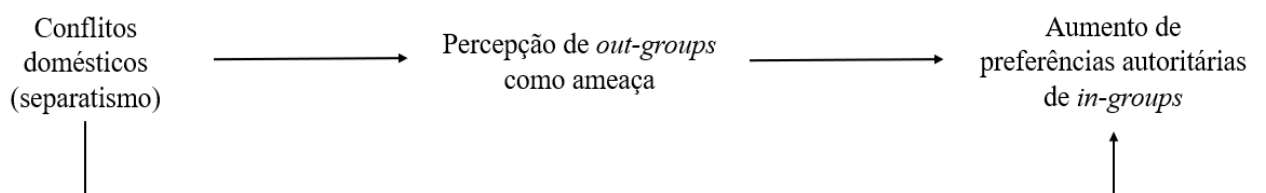


Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1.

### 3. Estratégia empírica

A fim de testarmos o argumento principal, no nível individual, dividimos a análise em duas partes, de acordo com o mecanismo causal proposto na introdução. Na primeira, focamos a relação entre conflito e preferências autoritárias condicionada à percepção de minorias como ameaça, ou seja, examinamos tanto o efeito do conflito na percepção de ameaças quanto a relação entre percepção de ameaça e preferências de regime. Já na segunda analisamos a relação direta entre conflito e preferências autoritárias.

#### Mecanismo causal no nível individual



Dois bancos de dados principais foram fundamentais para a concretização da estratégia: o *UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset* para identificarmos a intensidade e variação do conflito e o *New Russia Barometer* (NRB) para avaliarmos mudanças nas preferências de regime e na percepção de minorias como ameaça à segurança. Adicionalmente, utilizamos dados do instituto russo de opinião pública Levada Center.

O *UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset* exibe o número de óbitos geral e de civis por cada evento relacionado a um conflito doméstico, como rebeliões, atentados terroristas, intervenções militares, insurgências e contra-insurgências. Uma vez que estamos interessados no impacto do conflito na opinião pública, agregamos o total de óbitos no intervalo de 12 meses que antecederam cada *survey* do NRB. Priorizamos o total de vítimas fatais civis, tendo em vista que tais ocorrências apresentam maior potencial de gerar comoção social e atrair a atenção midiática.

A percepção de que as minorias são uma ameaça à segurança foi examinada com base nas respostas do NRB, admitindo quatro opções: “grande ameaça” (1), “alguma ameaça” (2), “pouca ameaça” (3) e “nenhuma ameaça” (4)<sup>15</sup>. Para a realização de comparações, criamos uma variável binária que confere o valor “1” para “grande ameaça” ou “alguma ameaça” e “0” para “pouca ameaça” ou “nenhuma ameaça”. Algumas comparações não excluíram a escala original<sup>16</sup>. No que concerne às preferências de regime, três variáveis foram de grande relevância: “apoio à suspensão do parlamento”<sup>17</sup>,

---

<sup>15</sup> Cabe ressaltar que de ano para ano houve pequenas variações na pergunta (questão pv148a): 1993.6: 161. Do you think any of the following pose a threat to peace and security in this society? Some nationalities in our society/Old Communists/Other CIS Republics/Islamic countries/Jews/USA/Germany/China.

1996.1/ 1996.7: PA14/ PA34. Do you think any of the following could be a substantial threat to the security and order in the world: d. USA; f. People of other nationalities living in Russia.

1998.3: H.16- Do you think any of these poses a big threat, some threat, a little threat or no threat to peace and security in this society? b- USA; c- Ethnic groups, minorities in our country.

2000.1: F12. Do you think any of the following countries could be a substantial threat to security of Russia? Big threat/Some threat/Little threat/No threat at all. d. USA; f. People of other nationalities living in Russia.

2000.4: E1. Do you think that there is a substantial threat to security of Russia? Big threat / Some threat / Little threat / No threat at all. a. People of other nationalities living in Russia; d. USA.

2001.6: H10 Do you think any of the following could be a substantial threat to security of Russia? (one answer only). Big threat / Some threat / Little threat / No threat at all. d. USA; f. People of other nationalities living in Russia.

2003.6: F 7. Do you think any of the following could be a substantial threat to security of Russia?

Big threat / Some / A little / No threat at all. d. USA. e. People of other nationalities living in Russia.

2005.1: C4. Do you think any of these pose a real threat to peace and security in this society? (Read out names of each). Big threat / Some threat Little threat / No threat. 4a) United States; 4d) National minorities in our society.

2007.4: D3. Do you think any of these pose a real threat to peace and security in this society? 1 Big threat; 2 Some threat; 3 Little threat; 4 No threat. D3a. United States; D3d. National minorities in our society.

2009.6. C5. Do you think any of these pose a real threat to peace and security in this society? Big threat; Some threat; Little threat; No threat. C5a. United States; C5d. National minorities in our society.

<sup>16</sup> Para facilitar a interpretação dos dados, invertemos as posições: “grande ameaça” passou a ser categoria “4”, enquanto “nenhuma ameaça” passou a ser “1”.

<sup>17</sup> Questão PV71, If Parliament was suspended, would you: Strongly approve/Somewhat approve/Somewhat disapprove/Strongly disapprove. Essa pergunta variou um pouco de ano para ano. Por ex.: There are different opinions about what should be the nature of the state. To what extent do you think: ii. It would be better if parliament and elections were suspended. Ou ainda: If Parliament was closed down and parties abolished, would you: 1. Definitely approve; 2. Somewhat approve; 3. Somewhat disapprove; 4. Definitely disapprove.

“o exército deve governar”<sup>18</sup> e “uma ditadura rígida é a única saída para a atual crise”<sup>19</sup>  
20. Agregamo-las em “preferências autoritárias” gerais somando os resultados das preferências individuais específicas<sup>21</sup>.

Para dimensionarmos o impacto do conflito no temor às minorias e nas preferências autoritárias, conduzimos regressões OLS e *logit* relacionadas aos diferentes mecanismos do argumento. Basicamente testamos a relação entre (1) conflito (número total de vítimas fatais civis nos doze meses que antecederam cada *survey*) e a percepção de minorias como ameaça; (2) a percepção de minorias como ameaça e as preferências autoritárias; (3) o conflito e as preferências autoritárias; (4) o conflito e as preferências dos indivíduos que percebem minorias como ameaça. Em cada análise verificamos o efeito não apenas para a população geral, mas também para *in-groups* (russos étnicos) e *out-groups* (minorias étnicas)<sup>22</sup>.

A fim de testarmos a hipótese de que atitudes políticas de *in-groups* são mais influenciadas pelo conflito do que as atitudes de *out-groups*, priorizamos o momento mais intenso do confronto – a segunda guerra da Chechênia (1999-2000). Para tanto, utilizamos o método *differences-in-differences* examinando a diferença entre a variação na média de *in-groups* e *out-groups* que percebiam minorias como ameaça e suas preferências autoritárias antes, durante e após a fase intensa. Para reduzirmos os riscos de estrangeiros serem incorporados à comparação, criamos uma segunda categoria de *out-groups*, correspondente a “minorias autóctones” – em síntese, abrange minorias identificadas como “república local” e “tártaros” (grupo étnico majoritário na república do Tatarstão). Devido ao pequeno número de observações para alguns *surveys*, inferências devem ser feitas com cautela<sup>23</sup>.

---

<sup>18</sup> Questão PV73, The army should govern the country.

<sup>19</sup> Questão PV74, A tough dictatorship is the only way out of the current situation.

<sup>20</sup> Cada questão contou com quatro opções: “concordo fortemente” (1), “concordo em algum grau” (2), “discordo em algum grau” (3) e “discordo fortemente” (4). Assim como procedemos com a variável do temor às minorias, invertemos a ordem fatorial para facilitar a interpretação.

<sup>21</sup> Desse modo o mínimo, “0”, passou a corresponder aos indivíduos que responderam “discordo fortemente” nas três perguntas, e o máximo, “9”, aos que responderam “concordo fortemente” em todas.

<sup>22</sup> Na maioria das regressões foram utilizados controles como idade, educação, renda, gênero, local de residência (urbano ou rural) e tamanho da população local – tal estratégia teve como alicerce o trabalho de Davis e Silver (2004) acerca do impacto dos atentados de 11 de setembro em atitudes autoritárias nos EUA.

<sup>23</sup> Na parte qualitativa, fase posterior a esse trabalho, identificaremos os principais elementos que denotam a existência de um suposto *trade-off* entre ordem e democracia nos discursos do incumbente e de seus representantes. Também verificaremos em que períodos houve maior recorrência a esse discurso e se há indícios de que a adoção de instituições autoritárias esteve diretamente relacionada aos conflitos.

Como mencionamos, diversos estudos mostram que há uma forte correlação entre atitudes autoritárias e percepção de ameaça social. Há, portanto, um elevado risco de endogeneidade: o aumento da percepção de ameaça pode elevar as atitudes autoritárias – como preconiza nossa hipótese –, assim como o fato de indivíduos serem autoritários pode levá-los a aumentar a percepção de ameaças. Visando contornar esse obstáculo, além do modelo de *differences-in-differences*, recorreremos a um “teste placebo”, examinando a relação entre percepção dos EUA como ameaça e preferências autoritárias. Tal comparação também pode contribuir para a literatura de psicologia política ao demonstrar variações entre diferentes tipos de ameaça e tendências autoritárias.

Após este trabalho, realizaremos testes de robustez e verificaremos a segunda parte do argumento, no nível de estratégias de elite. Com o auxílio de métodos qualitativos, analisaremos os discursos do incumbente buscando elementos associados à ideia de *trade-off* entre democracia e ordem, além de identificarmos as principais mudanças institucionais prejudiciais ao sistema de pesos e contrapesos e as justificativas utilizadas para a sua adoção.

#### **4. Resultados no nível individual**

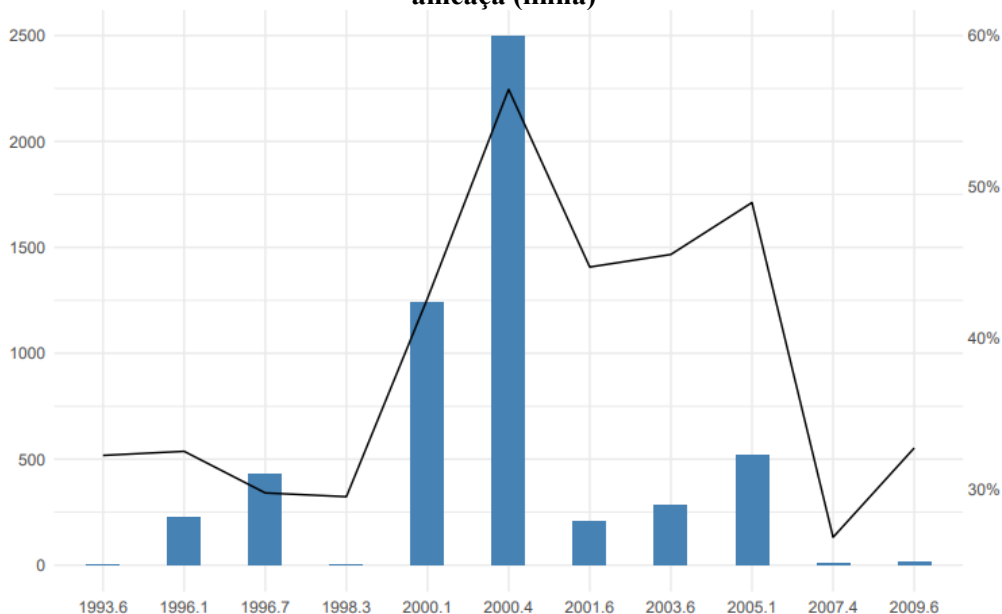
Abaixo apresentamos os principais resultados das etapas elencadas na seção anterior, testando as diferentes partes do mecanismo no nível individual – basicamente o efeito do conflito nas preferências autoritárias condicionado à percepção de minorias como ameaça.

##### **4.1 Relação entre conflito e percepção de minorias como ameaça**

O gráfico 2 traz evidências de que conflitos etnosseparatistas elevam a percepção de que *out-groups*, minorias étnicas, constituem uma ameaça social: no início dos anos 1990, após a dissolução da URSS por movimentos etnonacionais que também trouxeram incertezas às relações federativas na Rússia, mais de 30% da população russa já percebia minorias como alguma ou grande ameaça. No segundo *survey* de 1996, correspondente ao período de negociação dos acordos de Khasavyurt que puseram fim à primeira guerra da Chechênia, houve uma pequena redução, que se manteve praticamente

estável em 1998 – apesar da ausência de conflitos, na prática a região encontrava-se quase independente, gerando preocupações quanto à integridade do país. Em 2000, meses após o início da segunda guerra da Chechênia, a percepção de ameaças dá um grande salto, atingindo um pico de quase 60% em abril. Vale lembrar que em março do mesmo ano Vladimir Putin foi eleito presidente e uma das fases mais intensas dos combates se deu ao longo da campanha eleitoral – na seção qualitativa abordaremos como o conflito foi explorado nos discursos oficiais.

**Gráfico 2. Número de vítimas civis em conflitos domésticos e atentados nos doze meses que antecederam cada *survey* (colunas) e percentual da população que percebe minorias como ameaça (linha)**



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 e em surveys do New Russia Barometer.

As operações mais intensas foram oficialmente concluídas no fim de abril de 2000. Contudo, é possível notar que o número de vítimas civis fatais continuou consideravelmente alto nos anos seguintes. Atentados terroristas promovidos por separatistas geraram grande comoção social e tiveram ampla repercussão midiática. O caso mais emblemático foi o sequestro de uma escola em setembro de 2004 na cidade de Beslan, República da Ossétia do Norte. No episódio, cerca de 1.200 pessoas foram feitas reféns por três dias e mais de 300 acabaram mortas, na maioria crianças<sup>24</sup>. O *survey* de

<sup>24</sup> *Shkola #1*. Revista "Kommersant' Vlast" № 36, 13.09.2004, p. 25. URL: <https://www.kommersant.ru/doc/504579> Último acesso em 27.10.2020.

2005, conduzido alguns meses após esse atentado, registrou o segundo maior pico da percepção de ameaça. Nos anos seguintes o número de óbitos em conflitos caiu significativamente – concomitantemente, o *survey* de abril de 2007 apresentou a menor percepção de toda a série. Como mencionado, embora o conflito checheno tenha encerrado oficialmente em 2009, ao longo da década de 2010 houve atentados terroristas na região do Cáucaso e outras grandes cidades russas.

A tabela 1 reforça nosso argumento ao mostrar um efeito de alta significância estatística (nível 0,1%) do número de vítimas fatais civis na percepção de minorias como ameaça. Como nossas hipóteses preconizam, o efeito tem magnitude e significância menor para *out-groups* (modelos 5 e 6) – se levarmos em conta apenas minorias autóctones (modelos 7 e 8) o efeito inclusive perde significância estatística<sup>25</sup>.

**Tabela 1. Relação entre número de vítimas fatais civis (dividido por cem) nos doze meses que antecederam os *surveys* e percepção de minorias como ameaça (nenhuma, pouca, alguma e grande)**

	Dependent variable:							
	Percepcao_minorias_ameaca							
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
Obitos_civis_12_meses	0.030*** (0.002)	0.031*** (0.002)	0.025*** (0.002)	0.025*** (0.002)	0.020** (0.006)	0.023*** (0.007)	0.007 (0.011)	0.018 (0.011)
Gênero	0.109*** (0.032)	0.141*** (0.033)	0.141** (0.043)	0.147*** (0.044)	-0.079 (0.105)	0.001 (0.106)	0.063 (0.157)	-0.052 (0.157)
Idade	-0.005*** (0.001)	-0.005*** (0.001)	-0.006*** (0.001)	-0.005*** (0.001)	-0.002 (0.003)	-0.001 (0.004)	-0.012* (0.005)	-0.004 (0.005)
Educação	-0.005 (0.007)	-0.0002 (0.007)	-0.003 (0.009)	0.006 (0.010)	0.008 (0.024)	0.013 (0.023)	-0.024 (0.036)	0.037 (0.036)
Renda	-0.015 (0.013)	-0.016 (0.013)	-0.030 (0.018)	-0.029 (0.018)	0.004 (0.042)	-0.003 (0.042)	0.052 (0.067)	0.033 (0.067)
Urbano	-0.186** (0.057)	-0.137* (0.061)	-0.079 (0.079)	-0.041 (0.081)	-0.660** (0.206)	-0.536* (0.211)	-0.574 (0.345)	-0.597 (0.346)
Tamanho_população	-0.023** (0.008)	-0.020* (0.008)	0.006 (0.010)	-0.002 (0.010)	-0.120*** (0.029)	-0.099*** (0.030)	-0.150** (0.050)	-0.164** (0.050)
Observations	13,578	12,236	7,286	6,956	1,269	1,235	581	569

Note:

\*p<0.05; \*\*p<0.01; \*\*\*p<0.001

Regressão *ordered logit*. Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 e do NRB. Modelos 1-2: amostra geral sem divisão étnica; 3-4: apenas russos étnicos; 5-6: apenas minorias; 7-8: apenas minorias autóctones (tártaros e repúblicas da Federação Russa). Modelos 2, 4, 6 e 8 incluem pesos amostrais.

Os dados revelam que a percepção de ameaça acompanha a dinâmica e intensidade do conflito<sup>26</sup>. Contudo, cabe mencionar que episódios relacionados a conflitos podem impactar a memória coletiva não apenas no curto prazo, como acontecimento

<sup>25</sup> Como mencionamos na seção sobre estratégia empírica, o efeito para minorias autóctones deve ser visto com cautela, dado o pequeno número de observações nas amostras.

<sup>26</sup> Alguns dos modelos acima apresentam uma correlação estatisticamente significativa para gênero (maior percepção de ameaça por mulheres) e uma correlação inversa para localidades urbanas e idade. Possivelmente a relação entre maior idade e menor percepção de ameaça deve-se ao fato de no período soviético, por exceção de sua fase final, as relações interétnicas terem sido menos conturbadas – logo, indivíduos que viveram por mais tempo na URSS seriam menos propensos a perceber minorias como ameaça.

político mais marcante do momento, mas também por períodos prolongados. *Surveys* conduzidos pelo instituto Levada Center trazem indícios de que acontecimentos violentos permanecem entre os mais lembrados por décadas<sup>27</sup>. Quando se questionou quais foram os fatos mais importantes do ano em dezembro de 1994, 35% responderam “a introdução de tropas na Chechênia” – o primeiro lugar de uma lista com treze acontecimentos. Quando a mesma pergunta foi feita em dezembro de 2004, 33% apontaram o mesmo e, em janeiro de 2014, 31%. Outros fatos, sobretudo da área econômica, variaram acentuadamente entre os três *surveys* superando o conflito em 2004 mas retornando aos patamares iniciais em 2014. Quando se indagou acerca dos acontecimentos mais importantes de 1999, de uma lista de 14 menções em 2014 seis disseram respeito a acontecimentos relacionados a conflitos, em específico “o começo da segunda guerra da Chechênia” (27%), “ataques terroristas, explosões em Moscou e outras cidades da Rússia” (19%), “bombardeio da Iugoslávia” (14%) e “invasão dos guerrilheiros Basayev e Khattab ao Daguestão” (14%) – nos *surveys* de 1999, 2004 e 2009 tais fatos também estiveram em destaque.

Outro indicador relevante é o aumento da rejeição ao separatismo checheno a partir do segundo conflito. O instituto Levada Center periodicamente conduziu pesquisas com a pergunta “como você se relaciona à possibilidade de a Chechênia se separar da Rússia?”<sup>28</sup>. De cinco respostas possíveis, a mais radical enuncia “considero que isso deve ser evitado por qualquer meio, inclusive militar”. Na segunda metade da década de 1990 essa opção tinha o apoio de menos de 10% da população, mas após o início do segundo conflito saltou para 21% e atingiu 27% em julho de 2000, o pico de toda a série<sup>29</sup>. De novembro de 1999 a outubro de 2001 essa foi a resposta mais frequente.

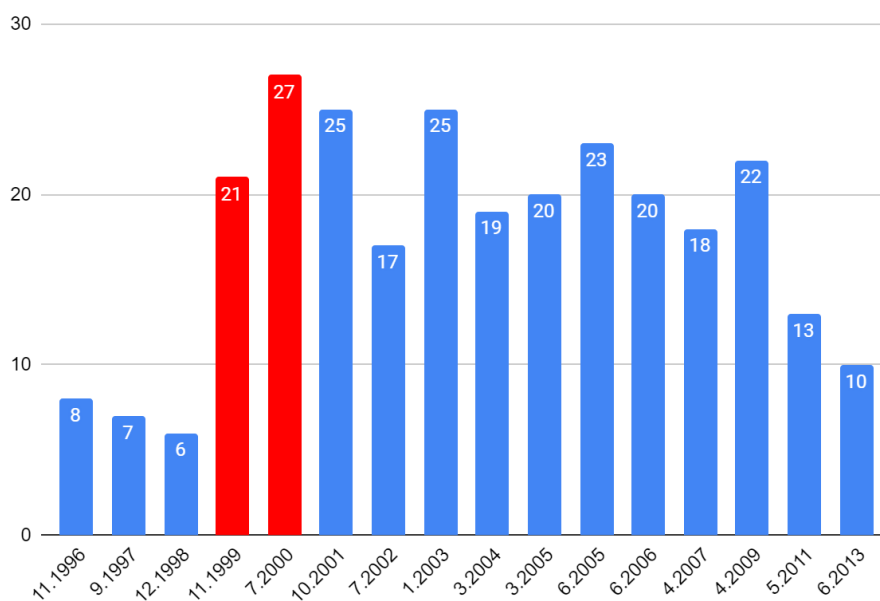
### **Gráfico 3. “Apoio à manutenção da Chechênia como parte da Rússia por qualquer meio, inclusive militar”**

---

<sup>27</sup> Levada Center. *Samye vazhnye sobytiya proshlykh let*. 21.02.2014. URL: <https://www.levada.ru/2014/02/21/samye-vazhnye-sobytiya-proshlykh-let/> Último acesso em 21.10.2020.

<sup>28</sup> Levada Center. *Otdelenie Chechni i Severnyj Kavkaz*. 01.07.2013. URL: <https://www.levada.ru/2013/07/01/otdelenie-chechni-i-severnyj-kavkaz/> Último acesso em 21.10.2020.

<sup>29</sup> As pesquisas de opinião pública do instituto Levada (inclusive as apresentadas nas próximas páginas) contam geralmente com 1.600 observações e uma margem de erro de até +/- 3,4%, no intervalo de confiança de 95%.



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do instituto Levada Center (2013).  
 Destaque em vermelho para o período intenso da segunda guerra da Chechênia.

Para concluir esta seção, realizamos um teste placebo para verificar se há alguma correlação entre o número de vítimas fatais no conflito separatista e a percepção dos EUA como ameaça. Caso encontrássemos uma correlação poderia ser um indicador de que não são os conflitos que estão elevando o temor dos indivíduos, mas alguma outra variável omissa. Apenas um dos oito modelos (anexo 1) teve significância estatística, mas com correlação negativa e baixa magnitude. Quando adicionamos pesos amostrais, filtramos para russos étnicos ou minorias não há qualquer significância.

Os resultados apresentados até o momento corroboram a primeira parte do mecanismo: há evidências robustas de que os momentos mais intensos do conflito tenham contribuído para elevar a percepção de minorias como ameaça, de que o efeito pode perdurar por meses e deixar impressões de longo prazo na memória coletiva.

#### 4. 2 Relação entre percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias

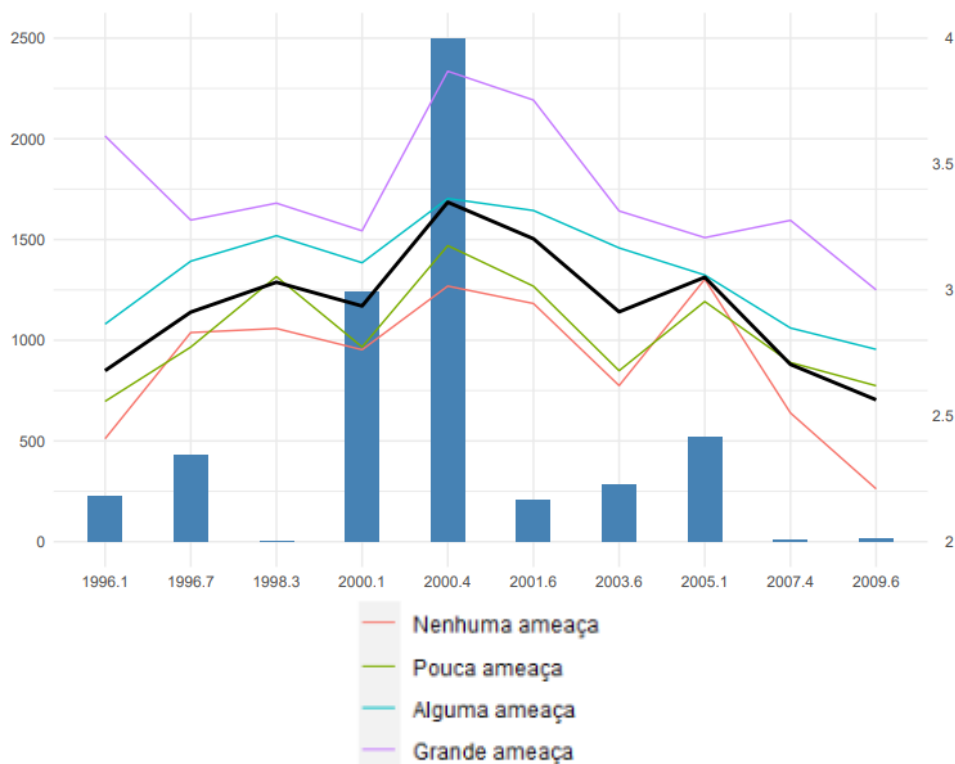
Na presente subseção examinaremos a relação entre percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias – segunda parte do mecanismo causal.

Como é possível observar no gráfico 4, as preferências autoritárias para os indivíduos que consideram as minorias alguma ou grande ameaça são superiores às



preferências dos que consideram indivíduos pouca ou nenhuma ameaça. O período em que houve maior diferenciação entre os grupos foi exatamente o mais próximo ao auge da segunda guerra da Chechênia<sup>30</sup>: o grupo que percebe minorias como “grande ameaça” teve um grande salto de janeiro para abril de 2000, ao passo que o que as percebe como “nenhuma ameaça” apresentou pouca variação<sup>31</sup>; a média geral (linha preta) teve uma das maiores aproximações à média dos grupos temerosos. Também é notável como a média dos mais temerosos permanece alta mesmo após a fase mais intensa do conflito, um indício de que o conflito pode ter efeito prolongado nas preferências de regime. As preferências dos grupos menos temerosos também sobem ao longo do conflito, mas com menos intensidade.

**Gráfico 4. Número de vítimas civis em conflitos domésticos e atentados nos doze meses que antecederam cada *survey* (colunas, esquerda) e média de preferências autoritárias por grupos de percepção de minorias como ameaça (linhas, direita)**



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 e do NRB.  
Linha preta = média amostral de preferências

<sup>30</sup> O período de maior distanciamento antes da segunda guerra da Chechênia foi em janeiro de 1996, na primeira guerra.

<sup>31</sup> Cabe ressaltar que estamos lidando com amostras da população. O conjunto de integrantes dos grupos não é delimitado – indivíduos podem alternar entre os grupos ao longo do tempo.

Testes de regressão (tabela 2), com os devidos controles, confirmaram a forte correlação entre percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias. A magnitude dos coeficientes cresce de acordo com o nível de percepção. Os resultados são estatisticamente significativos para a análise geral (modelos 1-2) e para russos étnicos (modelos 3-4), os *in-groups*. Quando examinamos a relação para os *out-groups* (modelos 5-8), há significância estatística somente para o grupo que percebe minorias como grande ameaça<sup>32</sup>.

**Tabela 2. Relação entre percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias**

	Dependent variable:							
	Preferencias_autoritarias							
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
as.factor(pv148a_rec)Pouca ameaça	0.149*** (0.045)	0.179*** (0.045)	0.171** (0.059)	0.187** (0.059)	0.050 (0.133)	0.212 (0.135)	0.189 (0.191)	0.243 (0.199)
as.factor(pv148a_rec)Alguma ameaça	0.380*** (0.044)	0.423*** (0.044)	0.418*** (0.057)	0.434*** (0.057)	0.105 (0.136)	0.119 (0.134)	0.205 (0.200)	0.046 (0.202)
as.factor(pv148a_rec)Grande ameaça	0.667*** (0.054)	0.691*** (0.054)	0.701*** (0.067)	0.677*** (0.067)	0.638*** (0.178)	0.687*** (0.177)	0.796** (0.261)	0.824** (0.263)
Gênero	-0.131*** (0.034)	-0.143*** (0.034)	-0.121** (0.044)	-0.080 (0.044)	-0.160 (0.105)	-0.138 (0.105)	0.018 (0.152)	0.026 (0.156)
Idade	0.006*** (0.001)	0.007*** (0.001)	0.005*** (0.001)	0.005*** (0.001)	0.007* (0.004)	0.009* (0.004)	0.003 (0.005)	0.004 (0.005)
Educação	-0.082*** (0.007)	-0.084*** (0.008)	-0.086*** (0.009)	-0.089*** (0.010)	-0.025 (0.023)	-0.031 (0.024)	0.014 (0.035)	0.022 (0.037)
Renda	-0.112*** (0.014)	-0.104*** (0.014)	-0.113*** (0.018)	-0.099*** (0.018)	-0.044 (0.042)	-0.035 (0.041)	-0.038 (0.064)	-0.029 (0.066)
Urbano	-0.047 (0.063)	-0.021 (0.062)	-0.239** (0.081)	-0.205* (0.080)	-0.122 (0.215)	-0.277 (0.214)	-0.124 (0.350)	-0.305 (0.363)
Tamanho_população	-0.035*** (0.008)	-0.027** (0.008)	-0.051*** (0.010)	-0.041*** (0.010)	-0.044 (0.030)	-0.055 (0.030)	-0.004 (0.049)	-0.038 (0.050)
Constant	3.724*** (0.153)	3.618*** (0.151)	4.136*** (0.197)	3.975*** (0.192)	3.602*** (0.527)	3.689*** (0.516)	2.997*** (0.846)	3.189*** (0.866)
Observations	11,002	11,002	6,634	6,634	1,192	1,192	548	548
R <sup>2</sup>	0.063	0.062	0.068	0.061	0.030	0.034	0.018	0.022

Note:

\*p<0.05; \*\*p<0.01; \*\*\*p<0.001

Regressão *OLS*. Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do NRB.

Modelos 1-2: amostra geral; 3-4: apenas russos étnicos; 5-6: apenas minorias; 7-8: apenas minorias autóctones (tártaros e repúblicas da Federação Russa). Modelos 2, 4, 6 e 8 incluem pesos amostrais.

Quando conduzimos o teste placebo (anexo 2), constatamos que também há uma forte correlação entre percepção dos EUA como ameaça e preferências autoritárias. Esse achado vai ao encontro da literatura de psicologia política, segundo a qual indivíduos com maior percepção de ameaças sociais apresentam mais atitudes autoritárias. Cabe ressaltar que a magnitude dos coeficientes é consideravelmente inferior à dos coeficientes de percepção de minorias como ameaça.

Embora os resultados do teste placebo elevem nossa preocupação com uma possível variável omissa, a presente subseção reforçou as evidências do mecanismo

<sup>32</sup> Alguns dos modelos apresentam correlação significativa para idade (quanto mais velho, maior a média de preferências autoritárias) e correlação inversa para gênero (mulheres associadas a menos preferências autoritárias), educação, renda e tamanho da população na localidade. Algumas dessas tendências foram também observadas em outras pesquisas sobre atitudes autoritárias (ver Davis & Silver 2004).

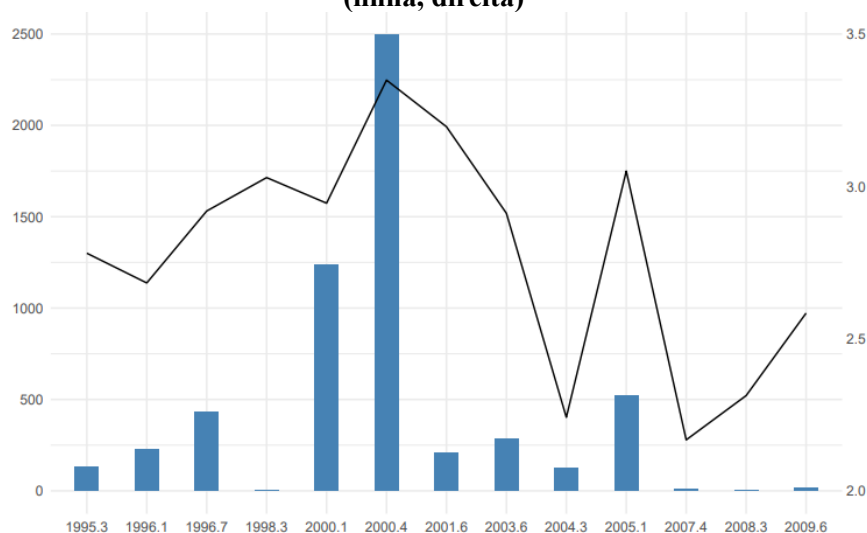
causal proposto, com três importantes constatações. Em primeiro lugar, indivíduos que mais percebem minorias como ameaça são os que mais apresentam preferências autoritárias, logo, se o conflito eleva a percepção de minorias como ameaça, indiretamente eleva preferências autoritárias. Em segundo, durante o conflito há um considerável aumento das preferências autoritárias do grupo que percebe minorias como grande ameaça. Finalmente, o efeito é consideravelmente mais significativo para os *in-groups* (russos étnicos) do que para *out-groups* (minorias).

### 4.3 Relação entre conflito e preferências autoritárias

Nesta subseção verificamos a relação direta entre conflito e preferências autoritárias, sem recorrermos à percepção de minorias como mecanismo condicionador.

O gráfico 5 mostra que a variação nas preferências autoritárias parece acompanhar a dinâmica e intensidade do conflito. Na segunda guerra da Chechênia há o pico das preferências, que baixam gradativamente nos primeiros anos após a fase mais intensa. De março de 2004 para janeiro de 2005 há o maior salto da série – provavelmente associado ao atentado à escola de Beslan.

**Gráfico 5. Número de vítimas civis em conflitos domésticos e atentados nos doze meses que antecederam cada *survey* (colunas, esquerda) e média anual de preferências autoritárias (linha, direita)**



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 e do NRB.

Testes de regressão (tabela 3) mostraram uma forte correlação entre o número de vítimas civis fatais nos conflitos e preferências autoritárias (modelos 1-2). A relação se

mantém significativa quando analisamos apenas *in-groups* (modelos 3-4), embora com menor magnitude, e perde significância se observamos somente *out-groups* (modelos 5-8) – um indício que corrobora a hipótese de que as preferências dos *in-groups* são mais afetadas pelo conflito do que as dos *in-groups*.

**Tabela 3. Relação entre número de vítimas civis fatais (dividido por cem) nos doze meses que antecederam os *surveys* e preferências autoritárias**

	Dependent variable:							
	Preferencias_autoritarias							
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
Obitos_civis_12_meses	0.024*** (0.002)	0.025*** (0.002)	0.006** (0.002)	0.008** (0.002)	0.002 (0.007)	-0.001 (0.006)	-0.011 (0.010)	-0.017 (0.011)
Gênero	-0.137*** (0.031)	-0.157*** (0.030)	-0.096* (0.044)	-0.052 (0.044)	-0.161 (0.105)	-0.138 (0.106)	0.017 (0.152)	0.047 (0.157)
Idade	0.006*** (0.001)	0.006*** (0.001)	0.005*** (0.001)	0.005** (0.001)	0.008* (0.004)	0.009* (0.004)	0.004 (0.005)	0.005 (0.005)
Educação	-0.078*** (0.007)	-0.084*** (0.007)	-0.086*** (0.009)	-0.090*** (0.010)	-0.022 (0.023)	-0.026 (0.024)	0.018 (0.035)	0.024 (0.037)
Renda	-0.110*** (0.012)	-0.103*** (0.013)	-0.117*** (0.018)	-0.101*** (0.018)	-0.050 (0.042)	-0.042 (0.042)	-0.029 (0.064)	-0.033 (0.066)
Urbano	0.029 (0.055)	0.044 (0.055)	-0.249** (0.081)	-0.219** (0.080)	-0.108 (0.214)	-0.318 (0.212)	-0.068 (0.345)	-0.224 (0.358)
Tamanho_população	-0.027*** (0.007)	-0.022** (0.007)	-0.052*** (0.010)	-0.042*** (0.010)	-0.047 (0.029)	-0.065* (0.029)	-0.008 (0.048)	-0.035 (0.049)
Constant	3.538*** (0.132)	3.506*** (0.130)	4.391*** (0.197)	4.230*** (0.190)	3.662*** (0.521)	3.915*** (0.507)	3.075*** (0.832)	3.236*** (0.848)
Observations	14,220	14,220	6,679	6,679	1,198	1,198	553	553
R <sup>2</sup>	0.055	0.057	0.051	0.046	0.019	0.021	0.003	0.008

Note:

\* p<0.05; \*\* p<0.01; \*\*\* p<0.001

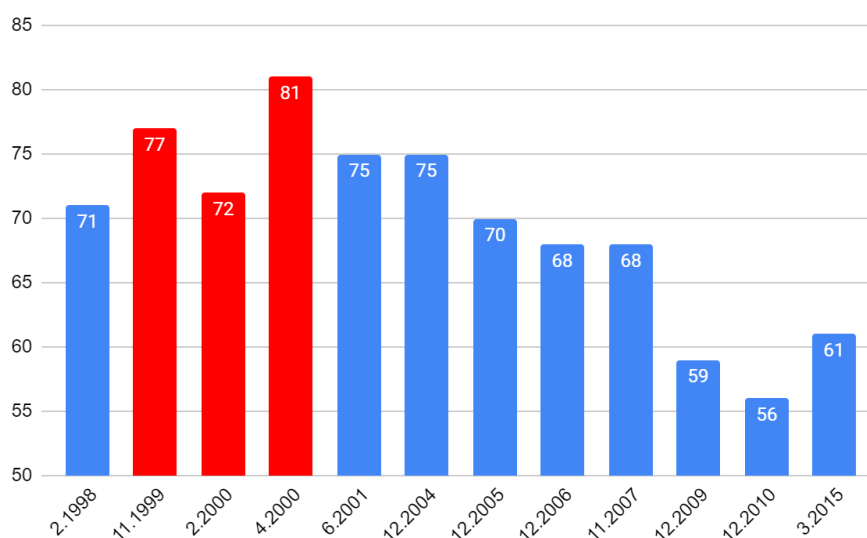
Regressão *OLS*. Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 e do NRB. Modelos 1-2: amostra geral; 3-4: apenas russos étnicos; 5-6: apenas minorias; 7-8: apenas minorias autóctones (tártaros e repúblicas da Federação Russa). Modelos 2, 4,6 e 8 incluem pesos amostrais.

Um importante elemento do nosso argumento diz respeito à influência do contexto nas preferências individuais. Atitudes acerca dos direitos civis nos EUA foram relativizadas após os atentados de 11 de setembro, sobretudo para os indivíduos que mais temiam novos atentados (Davis e Silver 2004) – preferências, portanto, não podem ser tomadas como dados independentes do contexto. Até o momento mostramos que a variação das preferências autoritárias está associada à intensidade do conflito separatista na Rússia e condicionada à percepção de minorias como ameaça. *Surveys* do instituto Levada Center que abordam diretamente a noção de *trade-off* entre democracia e ordem corroboram nossas hipóteses<sup>33</sup>. A pergunta “na sua opinião, o que é mais importante para a Rússia agora: ordem ou democracia?” contou com duas alternativas: “ordem, mesmo se para alcançá-la for necessário ferir alguns princípios democráticos e limitar liberdades

<sup>33</sup> Levada Center. *Poryadok ili demokratiya*. 17.01.2011. URL: <https://www.levada.ru/2011/01/17/poryadok-ili-demokratiya/> Último acesso em 22.10.2020. *Predstavleniya o demokratii*. 14.04.2015. URL: <https://www.levada.ru/2015/04/14/predstavleniya-o-demokratii/> Último acesso em 22.10.2020.

individuais” e “democracia, mesmo se a garantia de princípios democráticos às vezes conferir liberdade a elementos destrutivos e criminais”. As médias mostram uma alta tendência a relativizar princípios democráticos em benefício da manutenção da ordem – os dois picos de maior relativização se deram ao longo da segunda guerra da Chechênia, ao passo que os menores valores foram registrados no período em que o conflito já havia sido resolvido em grande medida.

**Gráfico 6. Concordância com relativização da democracia em benefício da ordem**



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do instituto Levada Center (2011 e 2015).  
Destaque em vermelho para o período intenso da segunda guerra da Chechênia.

O instituto Levada também fez perguntas acerca da relação direta entre democracia e ordem, questionando se nas condições russas é possível haver ordem e democracia simultaneamente<sup>34</sup>. As respostas parecem estar diretamente ligadas à ideia de que *stateness* é uma condição necessária para democracia, como sustenta a literatura (Fukuyama 2005; Møller & Skaaning 2011): no *survey* de junho de 2001, 34% dos entrevistados responderam que uma não é possível sem a outra e 14% que pode haver ordem sem democracia, mas não democracia sem ordem. Os *surveys* seguintes registraram algumas variações, mas com pouca alteração no ordenamento das respostas. É interessante observar que em 2001 18% consideravam que uma contradizia a outra, ou seja, não era possível haver ordem e democracia ao mesmo tempo. Em 2005, 2006 e 2007

<sup>34</sup> Levada Center. *Predstavleniya o demokratii*. 14.04.2015. URL: <https://www.levada.ru/2015/04/14/predstavleniya-o-demokratii/> Último acesso em 22.10.2020.

os resultados foram semelhantes – somente em 2009 houve queda expressiva, para 12%, estabilizando em 13% em 2010.

Na tabela abaixo podemos verificar que a concepção de “ordem” da população russa está diretamente relacionada a atributos de *stateness* e capacidade estatal. Apesar de referências diretas ao risco de separatismo (“interrupção do conflito entre os poderes, da dissolução do país”) terem registrado frequência entre 17 e 26%, os atributos que lideram as menções, como “aplicação rígida da lei” e “estabilidade política e econômica do país” também estão associados à integridade territorial e à capacidade estatal. A maior inclinação à relativização da democracia em benefício da ordem na fase mais intensa do conflito checheno (gráfico 6) reforçam essa proximidade. A associação entre ordem e autoritarismo teve poucas menções.

**Tabela 4. Na sua opinião, o que é “ordem”?**

Atributo / Ano	1.1995	6.2001	5.2005	3.2015	Atributo / Ano	1.1995	6.2001	5.2005	3.2015
Aplicação rígida da lei	33	38	42	44	Interrupção do conflito entre os poderes, da dissolução do país	26	18	26	17
Estabilidade política e econômica do país	35	36	45	42	Utilização do exército e dos serviços de segurança na luta contra a criminalidade	9	8	9	4
Interrupção do saqueamento e desmembramento do país	23	26	34	27	Restrição dos direitos democráticos e liberdades	<1	1	2	1
Proteção social aos mais necessitados	10	23	27	24	Slogan com o qual abre-se o caminho para a ditadura	1	1	1	1
Possibilidade de cada um exercer os seus direitos	11	16	23	18	Outros	1	<1	1	1
Disciplina rígida	19	26	18	18	Sem resposta	6	2	1	3

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do instituto Levada Center (2015).

No que concerne ao conceito de “democracia”, é interessante observar que atributos de *stateness*, como “ordem e estabilidade” e “aplicação rígida da lei” estiveram entre as principais menções – em alguns anos superaram, inclusive, referências à economia. Curiosamente, menções a eleições diretas aparecem somente na quinta posição. Foram poucas as alusões à democracia como obstáculo ao *stateness* – “anarquia e desordem” –, com frequência entre 2% e 6%. Entretanto, se levarmos em conta definições como “conversa fiada” e “subordinação das minorias às maiorias”, há uma percepção negativa significativa, embora muito inferior às percepções positivas.

**Tabela 5. Na sua opinião, o que é “democracia”?**

Atributo / Ano	1.1995	1.2000	2.2004	5.2005	11.2007	12.2009	12.2010	2.2012	3.2015
Liberdade de expressão, imprensa, crença	26	37	44	44	44	38	35	47	39
Desenvolvimento econômico do país	21	33	31	32	26	39	27	24	27
Ordem e estabilidade	24	28	29	30	30	37	29	24	25
Aplicação rígida da lei	24	29	24	24	21	29	21	20	22
Eleições diretas para os cargos mais altos	7	15	18	13	17	13	13	18	20
Possibilidade de cada um fazer o que quiser	6	10	6	10	10	7	8	10	7
Conversa fiada	14	10	11	9	11	5	9	10	6
Garantia dos direitos das minorias	3	5	6	6	6	7	8	6	5
Anarquia e desordem	5	6	6	5	4	3	4	2	4
Subordinação da minoria à maioria	1	6	3	4	3	3	6	6	3
Outros	<1	1	1	1	1	1	1	2	1
Sem resposta	14	8	7	6	5	5	6	5	6

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do instituto Levada Center (2015).

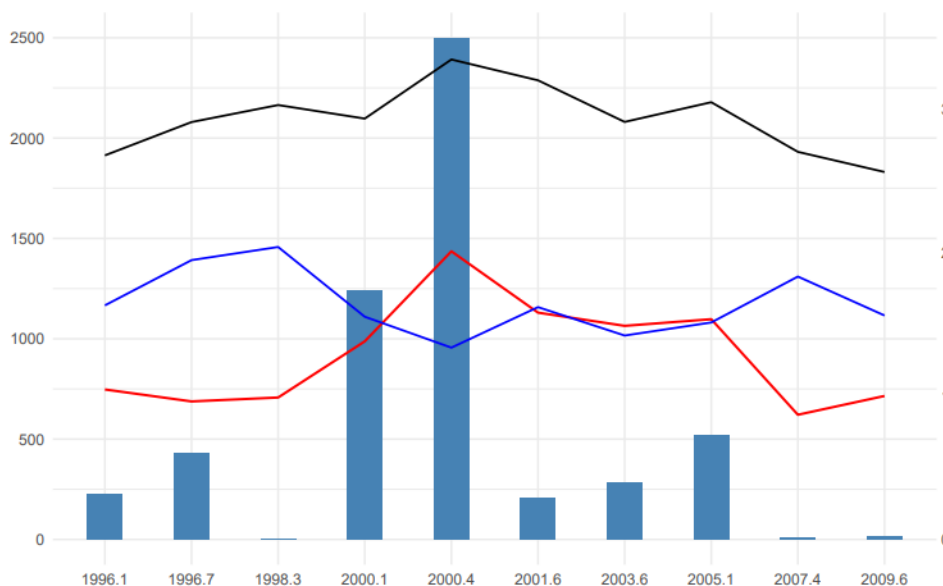
Nesta subseção mostramos indícios do impacto direto de conflitos nas preferências autoritárias, sobretudo para os *in-groups*. Também reforçamos a concepção de que não há uma percepção inata de democracia e instituições democráticas como algo negativo – as preferências de regime devem ser examinadas com base no contexto em que o indivíduo faz escolhas dimensionando os diferentes *trade-offs* envolvidos – tanto as demandas autoritárias quanto a inclinação a relativizar princípios democráticos e liberdades civis em troca de ordem foram maiores durante a fase mais intensa do conflito.

#### **4. 4 Relação entre conflito e preferências dos indivíduos que percebem minorias como ameaça**

Para concluir a explanação do mecanismo no nível individual introduzimos uma abordagem integrada das duas partes do argumento apresentadas nas subseções 4.1 e 4.2. Em específico, analisamos a variação na média de indivíduos que percebem minorias como ameaça junto a suas preferências autoritárias, comparando com a média geral do total de indivíduos.

O gráfico 7 evidencia que de 1996 a 1998 a média de preferências autoritárias gerais (linha preta) era muito influenciada pela média de preferências do grupo que percebia minorias como pouca ou nenhuma ameaça (linha azul). O *survey* de janeiro de 2000, conduzido durante a fase intensa do conflito, mostra o início de uma inversão entre os grupos – provavelmente indivíduos que apresentavam preferências autoritárias mas não consideravam minorias uma ameaça passaram a vê-las como ameaça. O *survey* de abril de 2000, mais próximo ao auge do conflito, confirma que pela primeira vez a média geral é influenciada pelas preferências do grupo que percebe minorias como ameaça (linha vermelha). Nos anos seguintes a média geral é sustentada pelos dois grupos em conjunto e sofre uma queda a partir do *survey* de abril de 2007, motivada pela queda do grupo que percebe minorias como ameaça. A dinâmica da linha vermelha nesse período sugere que alguns indivíduos com preferências autoritárias que viam minorias como ameaça deixaram de vê-las como tal – por isso o crescimento da média dos indivíduos que não as veem como ameaça.

**Gráfico 7. Número de vítimas civis em conflitos domésticos e atentados nos doze meses que antecederam cada *survey* (colunas, esquerda) e média de grupos de percepção de minorias como ameaça com preferências autoritárias (linhas, direita)**



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 e do NRB.

Linha preta: média de preferências autoritárias da população; soma das linhas azul e vermelha.

Linha azul: média de preferências autoritárias dos indivíduos que não percebem minorias como ameaça sobre o total das amostras. Linha vermelha: média de preferências autoritárias dos indivíduos que percebem minorias como ameaça sobre o total das amostras.



Nossos testes de regressão mostram uma forte correlação entre a intensidade do conflito e a média de indivíduos que veem minorias como ameaça e suas preferências autoritárias (modelos 1-2). A variação é muito influenciada pelo aumento na percepção de indivíduos como ameaça, por isso a semelhança com os coeficientes da tabela 1. Ao mesmo tempo, quando observamos os coeficientes por grupos étnicos e comparamos com a tabela 1, vemos que há um crescimento para russos (modelos 3-4), enquanto para minorias permanecem praticamente estáveis (modelos 4-5). Tal constatação está em parte relacionada ao segundo mecanismo (subseção 4.2), ou seja, conflitos não apenas aumentam percepção de minorias como ameaça para russos étnicos, os *in-groups* (tabela 1), como também aumentam as preferências autoritárias de acordo com o nível de temor (tabelas 2 e 3). Para as minorias o aumento de percepção de ameaça é considerável, mas a correlação com preferências autoritárias é menos sensível. Por sua vez, para minorias autóctones (modelos 7 e 8) não há significância estatística.

**Tabela 6. Relação entre número de óbitos civis (dividido por cem) em conflitos e média dos grupos que percebem minorias como ameaça com preferências autoritárias**

	Dependent variable:							
	Pref_autoritarias_temerosos							
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
Obitos_civis_12_meses	0.032*** (0.002)	0.032*** (0.002)	0.027*** (0.003)	0.028*** (0.003)	0.023** (0.007)	0.021** (0.007)	-0.003 (0.011)	-0.011 (0.011)
Gênero	0.042 (0.039)	0.029 (0.039)	0.040 (0.052)	0.069 (0.052)	-0.063 (0.113)	-0.103 (0.113)	0.071 (0.160)	0.116 (0.158)
Idade	0.0005 (0.001)	0.0001 (0.001)	-0.00001 (0.002)	-0.0005 (0.002)	0.003 (0.004)	0.001 (0.004)	-0.002 (0.006)	-0.010 (0.005)
Educação	-0.040*** (0.009)	-0.043*** (0.009)	-0.029* (0.011)	-0.033** (0.012)	-0.018 (0.025)	-0.024 (0.026)	0.025 (0.037)	-0.017 (0.037)
Renda	-0.058*** (0.016)	-0.054*** (0.016)	-0.069** (0.021)	-0.061** (0.022)	-0.028 (0.044)	-0.031 (0.045)	-0.007 (0.067)	-0.013 (0.067)
Urbano	-0.015 (0.072)	-0.054 (0.071)	0.004 (0.096)	-0.030 (0.096)	-0.291 (0.229)	-0.389 (0.228)	-0.038 (0.365)	-0.073 (0.363)
Tamanho_população	-0.016 (0.009)	-0.014 (0.009)	-0.017 (0.012)	-0.010 (0.012)	-0.063* (0.031)	-0.074* (0.032)	-0.075 (0.051)	-0.069 (0.050)
Constant	1.621*** (0.172)	1.699*** (0.170)	1.745*** (0.233)	1.707*** (0.227)	1.747** (0.557)	2.162*** (0.544)	1.236 (0.878)	1.851* (0.860)
Observations	11,002	11,002	6,634	6,634	1,192	1,192	548	548
R <sup>2</sup>	0.024	0.024	0.021	0.021	0.016	0.016	0.019	0.027

Note:

\*p<0.05; \*\*p<0.01; \*\*\*p<0.001

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 e do NRB.

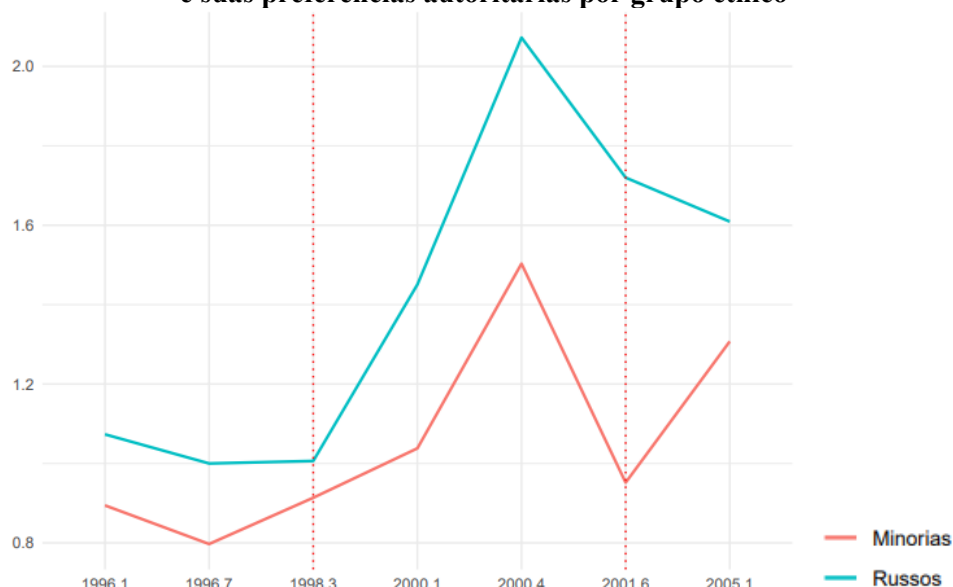
Modelos 1-2: amostra geral; 3-4: apenas russos étnicos; 5-6: apenas minorias; 7-8: apenas minorias autóctones (tártaros e repúblicas da Federação Russa).

Modelos 2, 4,6 e 8 incluem pesos amostrais.

Uma outra estratégia para verificarmos o impacto do conflito por grupo étnico está em compararmos as trajetórias das médias de russos que percebiam minorias como ameaça e suas preferências autoritárias com a média de minorias. No gráfico 8 podemos notar que as médias eram bem próximas na segunda parte da década de 1990 e, a partir

do conflito, começam a se distanciar significativamente, atingindo o maior desnível em 2001, momento posterior imediato à fase intensa do conflito.

**Gráfico 8. Média de indivíduos que percebem minorias como ameaça (alguma ou grande) e suas preferências autoritárias por grupo étnico**



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do NRB.

Os modelos (1-3) de *differences-in-differences* na tabela abaixo apontam para uma diferença estatisticamente significativa em abril de 2000 (T2) – comparando-se às médias de março de 1998 (T0, período anterior ao conflito) – e principalmente em junho de 2001, período posterior ao conflito (T3). Se levarmos em consideração apenas russos e minorias autóctones (modelos 4-6), podemos constatar que a diferença cresce nos três períodos associados ao conflito, sobretudo no pico (abril de 2000, T2) – contudo, antes mesmo do conflito os grupos apresentavam trajetórias relativamente distintas e o baixo número de observações para minorias autóctones demanda maior cautela na interpretação dos resultados.

**Tabela 7. Variação entre grupos étnicos da média de indivíduos que percebem minorias como ameaça e suas preferências autoritárias (*differences-in-differences*)**

	<i>Dependent variable:</i>					
	Pref_autoritarias_temerosos					
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
Tempo1	0.124 (0.168)	0.142 (0.185)	0.212 (0.189)	-0.249 (0.236)	-0.289 (0.264)	-0.372 (0.272)
Tempo2	0.589** (0.199)	0.754*** (0.212)	0.619** (0.209)	0.026 (0.331)	0.179 (0.346)	-0.206 (0.359)
Tempo3	0.038 (0.162)	0.132 (0.177)	0.034 (0.184)	-0.131 (0.226)	0.013 (0.251)	-0.154 (0.257)
Etnia1	0.093 (0.129)	0.200 (0.141)	0.197 (0.145)	0.013 (0.170)	0.205 (0.188)	0.150 (0.192)
Gênero		0.018 (0.053)	0.054 (0.054)		0.033 (0.056)	0.079 (0.056)
Idade		-0.0001 (0.002)	-0.0001 (0.002)		-0.001 (0.002)	-0.001 (0.002)
Educação		-0.034** (0.012)	-0.036** (0.012)		-0.034** (0.012)	-0.038** (0.012)
Renda		-0.057** (0.022)	-0.043 (0.022)		-0.065** (0.023)	-0.051* (0.023)
Urbano		-0.017 (0.103)	-0.127 (0.103)		0.019 (0.107)	-0.071 (0.107)
Tamanho_população		-0.023 (0.013)	-0.028* (0.013)		-0.020 (0.014)	-0.021 (0.014)
Tempo1:Etnia1	0.320 (0.184)	0.309 (0.201)	0.193 (0.206)	0.693** (0.247)	0.739** (0.276)	0.776** (0.285)
Tempo2:Etnia1	0.477* (0.213)	0.321 (0.227)	0.461* (0.224)	1.040** (0.340)	0.896* (0.355)	1.286*** (0.368)
Tempo3:Etnia1	0.675*** (0.178)	0.631** (0.195)	0.705*** (0.202)	0.845*** (0.238)	0.752** (0.264)	0.893*** (0.270)
Constant	0.914*** (0.117)	1.287*** (0.272)	1.381*** (0.273)	0.994*** (0.161)	1.247*** (0.305)	1.355*** (0.306)
Observations	6,879	6,108	6,108	6,314	5,611	5,611
R <sup>2</sup>	0.038	0.048	0.048	0.039	0.050	0.051

Note:

\* p<0.05; \*\* p<0.01; \*\*\* p<0.001

Regressão OLS. Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 e do NRB. T0 = 1998.3 (período anterior ao conflito), T1 = 2000.1 (período de conflito), T2 = 2000.4 (período próximo ao auge e fim da fase intensa do conflito), T3 = 2001.6 (período posterior à fase intensa). Modelos 1, 2 e 3 – Russos étnicos (1) comparados a minorias. Modelos 4, 5 e 6 – Russos étnicos (1) comparados a minorias autóctones (tártaros e repúblicas da Federação Russa). Modelos 3 e 6 incluem pesos amostrais.

Finalmente, realizamos testes placebos com a percepção dos EUA como ameaça. No que concerne à média de grupos que percebem EUA como ameaça com preferências autoritárias (anexo 3), encontramos correlação significativa apenas no modelo 1, sem divisões por grupo étnico, e no modelo 3, para russos étnicos. Porém, quando adicionados os pesos amostrais, ambos perdem significância estatística. Também vale mencionar que a significância e, principalmente, a magnitude de ambos são inferiores às verificadas na análise referente à percepção de minorias como ameaça. Já nos testes de *differences-in-differences* entre russos e minorias (anexo 4), não identificamos nenhuma correlação significativa – nem quando comparamos russos com minorias em geral, nem quando comparamos com minorias autóctones.

Os resultados desta subseção reforçam a relação entre as duas partes do mecanismo causal entre conflito e preferências autoritárias, apresentadas nas subseções 4.1 e 4.2, bem como evidencia que o aumento das preferências gerais, analisadas na subseção 4.3, está de fato associado ao conflito. Ademais, confirmam nossa hipótese de que o efeito do conflito é mais notável para *in-groups* do que *out-groups*.

## **5. Discussão preliminar acerca das preferências de regime no nível individual**

A análise do caso russo até o momento trouxe importantes evidências acerca de como conflitos domésticos podem afetar processos de democratização, sobretudo com a elevação de preferências autoritárias e a relativização de princípios democráticos em benefício da garantia da ordem e segurança – uma demanda pelo estado “Leviatã”.

A relação entre conflitos e preferências é condicionada pela percepção de minorias, os *out-groups*, como ameaça, o que em parte reforça achados da literatura na área de psicologia política referentes à relação entre percepção de ameaças sociais e atitudes autoritárias. O conflito separatista, por colocar a integridade territorial do estado em questão, contribui para que minorias sejam vistas como ameaça, principalmente aos *in-groups*. A percepção de minorias como ameaça na Rússia foi consideravelmente alta ao longo da década de 1990 e praticamente dobrou na fase intensa de segunda guerra da Chechênia, mantendo patamares elevados nos anos seguintes – atentados terroristas promovidos por grupos rebeldes parecem ter contribuído para a sustentação dessa percepção e para um segundo pico no início de 2005.

Dada a forte correlação entre percepção de ameaça social e preferências autoritárias, o simples aumento da percepção de minorias como ameaça, provocado pelo conflito, já denotaria uma influência direta do conflito no aumento das preferências. O impacto, entretanto, é ainda mais expressivo pois as preferências autoritárias dos grupos mais temerosos tendem a se elevar no pico do conflito. Em abril de 2000, pouco após o auge do conflito checheno, não apenas a média de indivíduos que consideravam minorias uma ameaça subiu consideravelmente, como também suas preferências autoritárias – em particular para os que consideram-nas uma “grande ameaça”. O efeito foi mais acentuado para membros dos *in-groups*.

Nossa análise se concentra em elementos objetivos que estariam por trás da elevação de preferências autoritárias, como o pressuposto de que instituições democráticas, associadas ao sistema de pesos e contrapesos, tendem a constranger a tomada de decisões pelo incumbente, dificultando uma resolução rápida e eficaz do executivo. As preferências de regime, portanto, não podem ser dissociadas do contexto – são formadas de acordo com a percepção dos indivíduos acerca dos supostos *trade-offs* envolvidos nas escolhas institucionais. A maior inclinação a relativizar princípios democráticos e liberdades civis em troca de ordem no momento mais intenso do conflito corrobora essa hipótese contextual. Vale ressaltar que algumas questões<sup>35</sup> oriundas desta análise preliminar ainda precisam esclarecidas – a análise qualitativa poderá auxiliar nessa empreitada.

## **Bibliografia**

- Abramson, Paul R., e Ronald Inglehart. 1995. *Value Change in Global Perspective*. University of Michigan Press.
- Cederman, Lars-Erik, Kristian Skrede Gleditsch, e Simon Hug. 2013. “Elections and Ethnic Civil War”. *Comparative Political Studies* 46(3): 387–417.
- Dahl, Robert A. 1971. *Polyarchy: participation and opposition*. org. Robert Alan Dahl. New Haven, Conn: Yale University Press.
- Davis, Darren W., e Brian D. Silver. 2004. “Civil Liberties vs. Security: Public Opinion in the Context of the Terrorist Attacks on America”. *American Journal of Political Science* 48(1): 28–46.
- Duckitt, John, e Kirstin Fisher. 2003. “The Impact of Social Threat on Worldview and Ideological Attitudes”. *Political Psychology* 24(1): 199–222.
- Easton, David. 1965. *A Systems Analysis of Political Life*. John Wiley and Sons, Inc.
- Feldman, Stanley, e Karen Stenner. 1997. “Perceived Threat and Authoritarianism”. *Political Psychology* 18(4): 741–70.
- Fish, M. Steven, e Robin S. Brooks. 2004. “Does Diversity Hurt Democracy?” *Journal of Democracy* 15(1): 154–66.
- Fromm, Erich. 1941. *Escape from freedom*. New York: Holt, Rinehart and Winston.

---

<sup>35</sup> Por que na primeira guerra da Chechênia a relação entre conflito e preferências autoritárias parece pouco significativa? Mesmo a percepção de minorias como ameaça, embora alta quando comparada a outros países, varia pouco com a dinâmica dessa fase inicial do conflito. A forte variação ao longo da segunda guerra estaria associada apenas a um número de vítimas fatais significativamente maior ou houve uma maior atuação das elites em mobilizar o discurso de ameaça e trade-off democrático? Ou ainda o fato de o segundo conflito ter sido resolvido com maior êxito que o primeiro estaria por trás das diferentes percepções? Como vimos na introdução ao caso, o separatismo checheno ao longo da década de 1990 foi abordado por diversos políticos, intelectuais e jornalistas como uma ameaça ao estado russo, um conflito que poderia levar à dissolução da própria Rússia. Acreditamos que a percepção de minorias como ameaça depende menos do discurso promovido pelas elites e mais de eventos contextuais – porém, a ideia de *trade-off* entre democracia e liberdade estaria em grande medida condicionada à instrumentalização do discurso.

- Fukuyama, Francis. 2005. "Building Democracy After Conflict: 'Stateness' First". *Journal of Democracy* 16(1): 84–88.
- Gagnon, V. P. 1994. "Ethnic Nationalism and International Conflict: The Case of Serbia". *International Security* 19(3): 130–66.
- Klein, Graig R., Carla Martínez Machain, e Efe Tokdemir. 2020. "Trump Gambles on American Racial Tension". *Political Violence at a Glance*. <https://politicalviolenceataglance.org/2020/07/09/trump-gambles-on-american-racial-tension/> (28 de outubro de 2020).
- Linz, Juan J., e Alfred Stepan. 1996. *Problems of Democratic Transition and Consolidation: Southern Europe, South America, and Post-Communist Europe*. JHU Press.
- Machain, Carla Martinez, e Leo Rosenberg. 2016. "Domestic Diversion and Strategic Behavior by Minority Groups": *Conflict Management and Peace Science*.
- Makarenko, Boris et al. 2008. *Demokratiya - razvitie rossiyskoy modeli*. Moscow: Biblioteka Instituta sovremennogo razvitiya, "Ekoninform".
- Malashenko, Alexey, e Dmitriy Trenin. 2002. *Vremya Yuga: Rossiya v Chechnye, Chechnya v Rossiy*. Moscow: Gendalf, Carnegie Endowment for International Peace.
- Maslow, Abraham H. 1954. *Motivation and Personality*. First. New York, NY: Harper & Row, Publishers, Inc.
- Merkel, Wolfgang, e Brigitte Weiffen. 2012. "Does Heterogeneity Hinder Democracy?" *Comparative Sociology* 11(3): 387–421.
- Mill, John Stuart. 2010. *Considerations on Representative Government*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Møller, Jørgen, e Svend-Erik Skaaning. 2011. "Stateness First?" *Democratization* 18(1): 1–24.
- Mueller, John E. 1973. *War, Presidents, and Public Opinion*. New York: John Wiley & Sons.
- Norris, Pippa, e Ronald Inglehart. 2019. "Cultural Backlash: Trump, Brexit, and Authoritarian Populism". *Cambridge Core*.
- Offe, Claus. 1991. "Capitalism by Democratic Design? Democratic Theory Facing the Triple Transition in East Central Europe". *Nationalism in Central and Eastern Europe* 58(4): 29.
- Onraet, Emma, Alain Van Hiel, Kristof Dhont, e Sven Pattyn. 2013. "Internal and External Threat in Relationship With Right-Wing Attitudes". *Journal of Personality* 81(3): 233–48.
- Rabushka, Alvin, e Kenneth A Shepsle. 1972. *Politics in plural societies a theory of democratic instability*. Columbus Ohio: Merrill.
- Ross, Cameron. 2003. *Federalism and Democratization in Russia*. Manchester University Press.
- Russo, Silvia, Michele Roccato, and Cristina Mosso. 2019. "Authoritarianism, Societal Threat, and Preference for Antidemocratic Political Systems." *TPM - Testing, Psychometrics, Methodology in Applied Psychology* (26): 419–29.
- Slater, Dan. 2010. *Ordering Power: Contentious Politics and Authoritarian Leviathans in Southeast Asia*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Snyder, Jack L. 2000. *From Voting to Violence: Democratization and Nationalist Conflict*. New York, NY: W. W. Norton & Company.
- . 2008. "Problems of Democratic Transition in Divided Societies". In *Domestic*

- Perspectives on Contemporary Democracy*, org. Peter F. Nardulli. Champaign, IL: University of Illinois Press, 11–32.
- Stepan, Alfred. 2000. “Russian Federalism in Comparative Perspective”. *Post-Soviet Affairs* 16(2): 133–76.
- Treisman, Daniel. 2011. “Presidential Popularity in a Hybrid Regime: Russia under Yeltsin and Putin”. *American Journal of Political Science* 55(3): 590–609.
- Wilson, Glenn D. 1973. *The Psychology of Conservatism*. London: Academic Press.

### ***Bancos de dados***

New Russia Barometer:

Centre for the Study of Public Policy. “New Russia Barometer (NRB) I-XX, 1992-2012”. URL: [http://www.cspp.strath.ac.uk/catalog1\\_0.html](http://www.cspp.strath.ac.uk/catalog1_0.html). Último acesso em: 30.10.2020.

UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1:

Pettersson, Therese & Magnus Öberg. 2020. “Organized violence”, 1989-2019. *Journal of Peace Research* 57(4).

Gleditsch, Nils Petter, Peter Wallensteen, Mikael Eriksson, Margareta Sollenberg, and Håvard Strand. 2002. “Armed Conflict 1946-2001: A New Dataset”. *Journal of Peace Research* 39(5).

### ***Pacote do R utilizado nas regressões***

Hlavac, Marek (2018). Stargazer: Well-Formatted Regression and Summary Statistics Tables. R package version 5.2.2. <https://CRAN.R-project.org/package=stargazer>

### ***Outros pacotes utilizados do R Studio e Markdown***

tidyverse, MASS, aod, knitr, kableExtra, float.

## Anexos

### Anexo 1. Relação entre número de vítimas fatais civis (dividido por cem) nos doze meses que antecederam os *surveys* e percepção dos EUA como ameaça (nenhuma, pouca, alguma e grande)

	Dependent variable:							
	Percepcao_EUA_ameaca							
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
Obitos_civis_12_meses	-0.005** (0.002)	-0.002 (0.002)	-0.0001 (0.002)	0.002 (0.002)	0.007 (0.006)	0.008 (0.007)	0.010 (0.011)	0.016 (0.011)
Gênero	-0.144*** (0.032)	-0.133*** (0.033)	-0.132** (0.043)	-0.126** (0.045)	-0.296** (0.103)	-0.277** (0.104)	-0.242 (0.153)	-0.294 (0.153)
Idade	0.008*** (0.001)	0.007*** (0.001)	0.009*** (0.001)	0.007*** (0.001)	0.005 (0.003)	0.005 (0.004)	-0.006 (0.005)	-0.001 (0.005)
Educação	0.032*** (0.007)	0.026*** (0.007)	0.035*** (0.009)	0.029** (0.010)	0.103*** (0.024)	0.069** (0.023)	0.074* (0.036)	0.059 (0.035)
Renda	-0.043*** (0.013)	-0.050*** (0.013)	-0.056** (0.018)	-0.056** (0.018)	-0.103* (0.041)	-0.045 (0.042)	-0.099 (0.066)	-0.060 (0.066)
Urbano	-0.202*** (0.057)	-0.187** (0.061)	-0.081 (0.079)	-0.039 (0.082)	0.237 (0.204)	0.004 (0.207)	0.048 (0.343)	-0.336 (0.336)
Tamanho_população	-0.027*** (0.008)	-0.030*** (0.008)	-0.002 (0.010)	-0.007 (0.010)	-0.006 (0.029)	-0.041 (0.029)	-0.027 (0.048)	-0.080 (0.048)
Observations	13,569	12,231	7,258	6,933	1,266	1,232	581	568

Note:

\*p<0.05; \*\*p<0.01; \*\*\*p<0.001

Regressão *ordered logit*. Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 e do NRB. Modelos 1-2: amostra geral sem divisão étnica; 3-4: apenas russos étnicos; 5-6: apenas minorias; 7-8: apenas minorias autóctones (tártaros e repúblicas da Federação Russa). Modelos 2, 4, 6 e 8 incluem pesos amostrais.

### Anexo 2. Relação entre percepção dos EUA como ameaça (nenhuma, pouca, alguma e grande) e preferências autoritárias

	Dependent variable:							
	Preferencias_autoritarias							
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
as.factor(pv148e_rec)Pouca ameaça	0.138** (0.047)	0.140** (0.048)	0.057 (0.060)	0.043 (0.060)	0.124 (0.143)	0.270 (0.143)	0.278 (0.207)	0.442* (0.213)
as.factor(pv148e_rec)Alguma ameaça	0.211*** (0.044)	0.170*** (0.044)	0.218*** (0.057)	0.177** (0.057)	0.287* (0.139)	0.309* (0.137)	0.264 (0.208)	0.261 (0.210)
as.factor(pv148e_rec)Grande ameaça	0.404*** (0.052)	0.402*** (0.052)	0.330*** (0.067)	0.283*** (0.067)	0.510** (0.159)	0.702*** (0.161)	0.554* (0.233)	0.692** (0.238)
Gênero	-0.104** (0.035)	-0.116*** (0.034)	-0.096* (0.044)	-0.053 (0.044)	-0.131 (0.106)	-0.106 (0.105)	0.027 (0.153)	0.036 (0.157)
Idade	0.005*** (0.001)	0.005*** (0.001)	0.004** (0.001)	0.004** (0.001)	0.007 (0.004)	0.008* (0.004)	0.002 (0.005)	0.002 (0.005)
Educação	-0.086*** (0.008)	-0.089*** (0.008)	-0.089*** (0.009)	-0.092*** (0.010)	-0.030 (0.023)	-0.041 (0.024)	0.010 (0.035)	0.007 (0.037)
Renda	-0.111*** (0.014)	-0.104*** (0.014)	-0.114*** (0.018)	-0.100*** (0.018)	-0.045 (0.015)	-0.025 (0.041)	-0.022 (0.065)	-0.009 (0.066)
Urbano	-0.047 (0.063)	-0.028 (0.063)	-0.250** (0.081)	-0.214** (0.081)	-0.139 (0.215)	-0.348 (0.212)	-0.092 (0.350)	-0.264 (0.360)
Tamanho_população	-0.034*** (0.008)	-0.027*** (0.008)	-0.052*** (0.010)	-0.041*** (0.010)	-0.046 (0.029)	-0.064* (0.029)	-0.010 (0.048)	-0.042 (0.050)
Constant	3.819*** (0.154)	3.788*** (0.152)	4.329*** (0.199)	4.207*** (0.193)	3.552*** (0.528)	3.720*** (0.509)	2.885*** (0.859)	3.046*** (0.866)
Observations	10,993	10,993	6,618	6,618	1,191	1,191	548	548
R <sup>2</sup>	0.053	0.051	0.054	0.048	0.028	0.036	0.012	0.020

Note:

\*p<0.05; \*\*p<0.01; \*\*\*p<0.001

Regressão *OLS*. Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 e do NRB. Modelos 1-2: amostra geral sem divisão étnica; 3-4: apenas russos étnicos; 5-6: apenas minorias; 7-8: apenas minorias autóctones (tártaros e repúblicas da Federação Russa). Modelos 2, 4, 6 e 8 incluem pesos amostrais.

### Anexo 3. Relação entre número de óbitos civis em conflitos (dividido por cem) e média dos grupos que percebem EUA como ameaça com preferências autoritárias



		Dependent variable:						
		Pref_autoritarias_temerosos.EUA						
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
Obitos_civis_12_meses	0.007** (0.002)	0.003 (0.002)	0.007* (0.003)	0.004 (0.003)	0.008 (0.008)	0.009 (0.007)	0.014 (0.012)	0.005 (0.012)
Gênero	-0.155*** (0.040)	-0.186*** (0.040)	-0.130* (0.052)	-0.145** (0.052)	-0.385** (0.122)	-0.378** (0.122)	-0.154 (0.176)	-0.071 (0.175)
Idade	0.007*** (0.001)	0.008*** (0.001)	0.008*** (0.002)	0.008*** (0.002)	0.009* (0.004)	0.009* (0.004)	0.0003 (0.006)	-0.004 (0.006)
Educação	-0.023** (0.009)	-0.023** (0.009)	-0.024* (0.011)	-0.018 (0.011)	0.033 (0.027)	0.030 (0.028)	0.050 (0.041)	0.037 (0.041)
Renda	-0.088*** (0.016)	-0.073*** (0.016)	-0.087*** (0.021)	-0.077*** (0.021)	-0.032 (0.048)	-0.068 (0.048)	0.014 (0.074)	-0.019 (0.074)
Urbano	-0.033 (0.072)	-0.082 (0.072)	-0.004 (0.096)	-0.072 (0.095)	0.078 (0.249)	0.075 (0.247)	-0.014 (0.402)	0.020 (0.401)
Tamanho_população	-0.027** (0.010)	-0.028** (0.010)	-0.016 (0.012)	-0.015 (0.012)	-0.045 (0.034)	-0.038 (0.034)	-0.040 (0.056)	-0.035 (0.055)
Constant	1.978*** (0.174)	2.028*** (0.171)	1.842*** (0.232)	1.857*** (0.225)	1.652** (0.606)	1.701** (0.589)	1.461 (0.968)	1.643 (0.949)
Observations	10,993	10,993	6,618	6,618	1,191	1,191	548	548
R <sup>2</sup>	0.017	0.016	0.016	0.013	0.021	0.021	0.010	0.008

Note:

\*p<0.05; \*\*p<0.01; \*\*\*p<0.001

Regressão *OLS*. Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 e do NRB. Modelos 1-2: amostra geral; 3-4: apenas russos étnicos; 5-6: apenas minorias; 7-8: apenas minorias autóctones (tártaros e repúblicas da Federação Russa). Modelos 2, 4, 6 e 8 incluem pesos amostrais.

#### Anexo 4. Variação entre grupos étnicos da média de indivíduos que percebem EUA como ameaça e suas preferências autoritárias

		Dependent variable:				
		Pref_autoritarias_temerosos.EUA				
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
Tempo1	0.243 (0.171)	0.300 (0.187)	0.202 (0.191)	-0.015 (0.239)	0.074 (0.267)	-0.085 (0.274)
Tempo2	0.021 (0.204)	0.234 (0.215)	0.130 (0.211)	0.181 (0.335)	0.363 (0.349)	-0.049 (0.361)
Tempo3	0.126 (0.165)	0.333 (0.179)	0.070 (0.186)	-0.070 (0.229)	0.187 (0.254)	-0.106 (0.258)
Etnia1	-0.178 (0.132)	-0.009 (0.143)	-0.077 (0.146)	-0.258 (0.172)	-0.038 (0.190)	-0.114 (0.194)
Gênero		-0.187*** (0.054)	-0.205*** (0.054)		-0.150** (0.056)	-0.157** (0.057)
Idade		0.006*** (0.002)	0.008*** (0.002)		0.006*** (0.002)	0.007*** (0.002)
Educação		-0.022 (0.012)	-0.015 (0.012)		-0.024 (0.012)	-0.018 (0.012)
Renda		-0.089*** (0.022)	-0.079*** (0.022)		-0.094*** (0.023)	-0.075** (0.023)
Urbano		0.053 (0.104)	-0.020 (0.104)		0.036 (0.108)	-0.015 (0.108)
Tamanho_população		-0.016 (0.013)	-0.016 (0.013)		-0.014 (0.014)	-0.013 (0.014)
Tempo1:Etnia1	0.042 (0.187)	-0.045 (0.204)	-0.060 (0.208)	0.301 (0.251)	0.181 (0.279)	0.228 (0.286)
Tempo2:Etnia1	0.402 (0.219)	0.147 (0.231)	0.158 (0.227)	0.241 (0.344)	0.020 (0.359)	0.339 (0.371)
Tempo3:Etnia1	0.242 (0.182)	0.068 (0.197)	0.311 (0.204)	0.438 (0.241)	0.214 (0.267)	0.487 (0.272)
Constant	1.439*** (0.120)	1.699*** (0.276)	1.800*** (0.276)	1.519*** (0.163)	1.717*** (0.308)	1.777*** (0.308)
Observations	6,870	6,097	6,097	6,308	5,601	5,601
R <sup>2</sup>	0.005	0.021	0.018	0.006	0.020	0.016

Note:

\*p<0.05; \*\*p<0.01; \*\*\*p<0.001

Regressão *OLS*. Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 e do NRB. T0 = 1998.3, T1 = 2000.1, T2 = 2000.4, T3 = 2001.6. Modelos 1, 2 e 3 – Russos étnicos comparados a minorias. Modelos 4, 5 e 6 – Russos étnicos comparados a minorias autóctones (tártaros e repúblicas da Federação Russa). Modelos 3 e 6 incluem pesos amostrais.